

ENTREVISTA DE DOMINGO Jurandy Ferraz de Campos

# Histórias do pesquisador divineiro

CARLA OLIVO

Aos 79 anos e "divineiro" assumido, o historiador Jurandy Ferraz de Campos passa horas em meio às pilhas de documentos de suas pesquisas sobre Mogi das Cruzes, cidade onde faz questão de dizer, foi gerado e chegou nos primeiros meses de vida. Quando ele estava prestes a nascer, a mãe, Geralda Ferraz de Campos, saiu de Mogi para dar à luz o quinto dos 11 filhos, na Fazenda Nossa Senhora da Glória, em Caçapava, de propriedade dos pais, Antônio Eugênio e Isabel Ferraz. Após o período de amamentação - cumprido pela tia Didi -, Jurandy chegou a Mogi com a mãe e o pai, o comerciante José Pereira Campos, que trabalhava com o sogro, fundador da Leiteira e Sorveteria Glória. Jurandy passou a infância entre a região do Carmo - morava na esquina das ruas Dr. Corrêa e Professor Flaviano de

Melo - e a fazenda da família, em Santa Branca. O curso primário, iniciado no Grupo Escolar Coronel Almeida, foi concluído no Aprigio de Oliveira, após passagens por escolas de Santa Branca, pelo Instituto Dona Placidina e também por unidades de ensino de Caçapava, acompanhando as andanças da família. Fez o curso preparatório para o Exame de Admissão com a professora Iracema Brasil de Siqueira e ingressou no Ginásio do Estado, mas como o pai comprou um sítio em Jacaré, ele passou a estudar lá. De volta a Mogi, se formou no Liceu Braz Cubas como auxiliar de escritório e fez o curso Científico do Instituto de Educação Dr. Washington Luís. O primeiro emprego foi aos 15 anos, em um armazém de secos e molhados e, na sequência, passou pela Casa de Móveis Brasileira. Em 1959, aprovado em concurso do Banco do Brasil, começou a carreira na Capital, onde

morou até 1961, quando já casado com Marlene Pinto de Campos, fixou-se em Mogi. Como havia se formado em História pela Universidade de São Paulo (USP), paralelamente à jornada na agência mogiana, lecionou em escolas estaduais e particulares da cidade e, durante 27 anos, na Universidade de Mogi das Cruzes (UMC). O envolvimento com a Festa do Divino começou em 1989, quando foi festeiro ao lado da mulher - no ano seguinte, o casal assumiu como capitão-do-mastro. É sócio-fundador da Associação Pró-Festa do Divino, em 1994, da qual foi diretor vice-presidente até 1997. No primeiro governo do ex-prefeito Junji Abe (2001 a 2004), ocupou o cargo de secretário municipal de Cultura e Meio Ambiente. Membro da Academia Caçapavense de Letras, Jurandy tem seis livros e prepara novas publicações. Na entrevista a O Diário, ele conta suas histórias na cidade:

## Quais as recordações de sua infância?

A origem da minha família é mineira. Os avós maternos são da cidade de Cristina e os paternos de Maria da Fé. Minha avó materna Isabel teve hanseníase e devido ao preconceito da época, ela e meu avô Antônio vieram para Guaratinguetá, onde ele comprou uma fazenda. De lá, se mudaram para a Fazenda Nossa Senhora da Glória, em Caçapava. Como os avós maternos e paternos eram cunhados, o avô Antônio trouxe os avós paternos Ana e Antônio (Batista de Campos) para outra fazenda, na mesma cidade. Meus pais, que eram primos, namoraram e se casaram em Aparecida. Quando meu avô Antônio estava ajeitando a sorveteria em Mogi (Leiteira e Sorveteria Glória), minha avó foi internada no Sanatório (Hospital Dr. Arnaldo Pezzuti Cavalcanti) e morreu. Nasci na fazenda de Caçapava, onde minha tia Didi, que também havia dado à luz, me amamentou porque minha mãe passou mal no final da gravidez. Logo voltamos para Mogi e meu pai comprou uma fazenda em Santa Branca, pegávamos a jardineira até Salesópolis e, da Capela Nova em diante, íamos em um carro de boi. Foi uma infância maravilhosa, ao lado dos 10 irmãos (Moacyr, Waldir, Lair, Lenir, Dalmir, Josemir, Amair, Odaír, Arismir e Rosemir) e entre nossa casa, na esquina das ruas Dr. Corrêa e Flaviano de Melo, e a fazenda.

## Onde o senhor estudou?

Iniciei o primário no Grupo Escolar Coronel Almeida e fui alfabetizado pela Dona Branca. Eu fazia parte da Trêça do Carmo, que reunia quem morava naquela região, assim como havia as trêças da Matriz, da Estação e de outros pontos da cidade. A rivalidade entre estas turmas era grande. Jogávamos bola no Largo do Carmo e no campo chamado Esmaga Sapó, perto da Santa Casa. Também fui da Cruzada do Carmo. Estudei o segundo ano do primário em Santa Branca e comecei o terceiro no Placidina, passei por uma escola rural perto da fazenda, novamente em Santa Branca, e o concluí em Caçapava. Já o quarto foi no Aprigio de Oliveira, onde tive aulas com a professora Iracema Brasil de Siqueira, com quem fiz o curso preparatório para o Exame de Admissão. Foi aprovado no Ginásio do Estado, mas meu pai arrendou a fazenda e comprou um sítio em Jacaré, onde fiz os primeiros anos do ginásio. Lá, eu tirava leite de vaca e lidava com galinhas caipiras. Quando ele vendeu o sítio, voltamos para Mogi e me formei em Auxiliar de Escritório no Liceu Braz Cubas.

**"Foi a primeira vez que montamos o Subimpério na quermesse e escolas, que se multiplicaram"**

## Qual foi seu primeiro emprego?

Aos 15 anos, comecei a trabalhar no armazém de secos e molhados, na esquina das ruas Dr. Ricardo Vilela e Antônio Cândido Vieira, onde entregava as compras com uma bicicleta. De lá fui para a Casa de Móveis Brasileira, que funcionou na Paulo Frontini e depois na José Bonifácio. Nesta época, fiz o curso Científico no Instituto de Educação Dr. Washington Luís. Depois, me formei em História na USP, na turma de 1961, quando me casei e voltei para Mogi. Mas antes, em 1959,



**HISTÓRIAS** Aos 79 anos, Jurandy Ferraz de Campos dedica-se a pesquisas sobre Mogi das Cruzes e a Festa do Divino

prestei concurso e entrei no Banco do Brasil, como investigador de cadastros. Primeiramente trabalhei em São Paulo, sendo transferido para Mogi no final de 1963. Como no ano seguinte, época da Revolução de 1964, cortaram as horas extras, a inflação estava em alta e houve achatamento dos salários, fiz sociedade com o meu irmão Waldir, que morava no Paraná. Eu comprava bezerros no Vale do Paraíba e mandava para ele engordá-los. Lá, ele adquiria porcos e eu os engordava na Chácara Primavera, em César. Comecei a lecionar, mas continuei no banco, onde me aposentei em 1989, como gerente da Carteira de Comércio Exterior. Quando o Padre Melo (Manoel Bezerra de Melo), que vivia andando de bicicleta pela cidade e ia tomar café na casa da minha mãe, iniciou a construção do segundo prédio da UMC, o Banco do Brasil não financiava projetos para escolas e hospitais. Mas o gerente Policarpo me pediu o estudo de viabilidade financeira da UMC, enviou o projeto a Brasília e ele foi aprovado. O Padre Melo queria que eu fosse trabalhar como assessor financeiro dele, mas não aceitei.

## Como foi a carreira no Magistério?

O professor Witter (José Sebastião Witter) lecionava no Washington Luís e me indicou ao diretor Epaphras Gonçalves Emes. Comecei a dar aulas na primeira unidade de expansão da escola, no prédio da então E.E. Firmino Ladeira, hoje Célia Pinheiro Franco, no São João. Durante quase 30 anos conciliei o Magistério com o Banco do Brasil. Lecionei na Francisco Ferreira Lopes, Coronel Almeida e na própria Firmino Ladeira. Paralelamente, dava aulas no ginásio da Omec e do Liceu Braz Cubas. Em 1969, o Padre

Melo (Manoel Bezerra de Melo) abriu a Faculdade e lecionou na Economia, Ciências Contábeis, Administração e História, fui paraninfo vários anos e patrono, em 1997, quando parei de dar aulas, mas sem deixar a pesquisa.

## Quando teve início o trabalho na área?

Eu havia sido diretor do Museu de Arte Sacra e, em 1967, o padre João Rosa estava no Santuário Bom Jesus e me indicou para fazer a pesquisa sobre a história de Mogi. Em 1978, publiquei o primeiro livro, "Santa Ana das Cruzes de Mogi - huna villa de Serra aSima". Depois, vieram outros, sobre a Banda Santa Cecília (1995), Caraguatuba (2000), a Festa do Divino (2000 e 2013) e a Ordem Terceira do Carmo (2004).

## Quais as pesquisas atuais?

A convite da Secretaria Municipal de Cultura, trabalho na análise paleográfica do Livro Foral. São 300 folios transcritos e já entreguei 200. Quando o Mateus (Sartori, secretário municipal de Cultura) foi tomar posse, conversei com ele e pedi que desse continuidade aos projetos Coleção Boigyna, dedicada à reedição de obras póstumas e livros inéditos de autores de expressão da cultura mogiana, que teve início na minha gestão como secretário de Cultura, e a Revista Boigy, lançada no final do governo do Machado (Antônio Carlos Machado Teixeira, ex-prefeito). Esta transcrição do Livro Foral com análise paleográfica será relançada na edição especial, por mim anotada e comentada, com textos escritos pelo frei Timóteo van den Broeck para a antiga *Folha de Mogi* - que deu origem a O Diário -, e será publicada pela Coleção Boigyna este ano. Também quero reunir meus textos, a maioria publicada em O Diário, no livro "Açugas para a História de Mogi das Cruzes - Antiga dos 600

anos 900", que aborda desde a fundação e povoamento da Vila até a cidade no século passado.

## Quando teve início seu envolvimento com a Festa do Divino?

Minhas avós eram muito religiosas, assim como minha mãe, que fazia parte do grupo Mães Cristãs da Matriz e catequizou todos os netos. Elas sempre acompanharam a festa e, como moramos na Ricardo Vilela, 488, onde depois a dona Astréa (Barral Nébias) montou a escola de dactilografia, viamos às procissões religiosas, como a de Pentecostes e a Entradados Palmitos.

## "Caiu em minhas mãos um texto contando que a Festa do Divino saiu de Portugal"

Mas eu não conhecia a festa a fundo, até que o Mauro Ottoni Martins e sua mulher

do cartaz com as origens da comemoração. Em 2001, a pedido da dona Amália, fiz cartilha sobre o evento. Depois, em Caraguá, caí em minhas mãos um texto contando que a Festa do Divino saiu de Portugal com as navegações. Reforcei a tese ao encontrar pessoas dos Açores, ligadas a Gaspar Vaz, entre os povoadores de Mogi, que eram devotas do Divino e trouxeram a tradição para cá. Encontrei referência de doação à festa, em Jundiá, do ano de 1.720 e como a Vila de Mogi era mais antiga, estava certo que a comemoração ocorria antes aqui, na segunda metade do Século 17. Encontrei referência de 4 de maio de 1.613 de reunião da Câmara de Mogi, sobre a necessidade de ampliar a entrada e saída da Vila, que era o Caminho Real até São Paulo, mas com a ressalva que deveria ser feito depois do Espírito Santo. Isso confirma a tese de que a comemoração já acontecia na cidade na época e é isso que conto no livro publicado em 2013 sobre os 400 anos de louvor ao Espírito Santo em Mogi.

## Como foi esta festa?

No segundo dia da festa, após a Passeata das Bandeiras, chegamos à quermesse às 22 horas, ficamos até o fechamento e levamos a doceira Olésia, que era a

## PERFIL

**NOME:** JURANDYR FERRAZ DE CAMPOS  
**IDADE:** 79 ANOS  
**NASCIMENTO:** CAÇAPAVA (SP)  
**ESTADO CIVIL:** CASADO HÁ 55 ANOS COM MARLENE PINTO DE CAMPOS  
**FILHOS:** AUREA CRISTINA, MARCOS EDUARDO E MARCELA  
**NETOS:** LUCAS E MARCOS AUGUSTO  
**FORMAÇÃO:** BACHAREL EM HISTÓRIA (USP), LICENCIATURA EM HISTÓRIA (PUC-SP) E MESTRADO EM HISTÓRIA DO BRASIL (USP)  
**TRABALHO:** PROFESSOR APOSENTADO E HISTORIADOR

chefe das cozinheiras até sua casa, em Braz Cubas. Fomos dormir à 1 hora da madrugada para acordar às 4 horas. Como nunca precisei de despertador, não o coloquei. As 5 horas, o telefone tocou com a dona Amália (Manna de Deus) dizendo que dom Emílio me esperava para a primeira Alvorada. Saímos correndo de casa. Nesta festa também aconteceu a última quermesse na Praça Coronel Almeida, em frente à Catedral. A Rua José Bonifácio fechava de tanta gente e onde hoje está a Capela do Divino ficaram o Império e a Casa da Festa. Fizemos livro de ouro e conseguimos fechar balanço positivo. O bispo dom Emílio gostou tanto que no ano seguinte inventou, colocando o Josemir como festeiro e eu como capitão do mastro. A quermesse foi em frente à UMC, no local hoje ocupado pelo terminal de ônibus e pelo Parque Botrya Camorim Gatti. Foi a primeira vez que montamos o Subimpério na quermesse e escolas, que se multiplicaram depois. Eram poucas rezadeiras e as incentivamos tanto que o grupo só tem aumentado. O caixa central foi introduzido na quermesse e eu e colegas do Banco do Brasil fazíamos o trabalho.

## Por que o senhor decidiu pesquisar a festa? Na festa de 1989, escreveu texto no verso

Dina, que iam à missa todos os dias, me indicaram como festeiro para 1989 ao então bispo, dom Emílio (Fignoli), por causa das minhas atividades e pesquisas. Liguei para meu irmão Josemir e disse que só pensaria em aceitar se ele e a mulher, Ivone, fossem capitães do mastro. A festa ainda ficava só no ombro dos festeiros e capitães, que arcavam com as despesas, tirando dinheiro do bolso. O primeiro centavo para recuperar entrava só no primeiro dia da quermesse e as prendas eram arrecadadas com dificuldade. Eu pensava em negar, mas estava na sala da casa da minha mãe, que queria muito que eu aceitasse, e minha sobrinha Nívia, com 3 anos, veio do quarto com uma medalha do Divino encontrada embaixo da cama. Interpretei como um sinal e aceitei o desafio.